## *Entre Explicação & Desculpa*

Publicado por: AJCardiais
Publicado el : 10-6-2012 12:19:08

Certa vez eu escrevi um poema intitulado: “Sob Encomenda”. Eu tentava explicar que eu não sei escrever sem ser inspirado. Tenho que viver o que eu escrevo, tenho que sentir... A “coisa” tem que sair de dentro de mim. Não sei olhar para algo e escrever... Não sei escrever “de fora, pra fora”. É algo meio difícil de explicar. Não tenho nada contra quem escreve sobre qualquer coisa, a qualquer hora, debaixo de chuva, de sol, primavera, verão ou inverno... Quem é escritor profissional precisa saber e ter estas armas. Mas eu sou é poeta (juro pra vocês que eu falo esta palavra com uma certa “inquietação”). E além disso, não sobrevivo de escrita. Escrevo simplesmente por prazer. Apesar de ter uma preocupação enorme com o que escrevo, mas não tenho tanto responsabilidade. Talvez por isso que advenha o prazer.

Deixe-me explicar uma coisa: Estou referindo-me à poesia. Não acho fácil olhar para alguma coisa, e fazer um poema... Não acho fácil alguém dar-me um tema, e eu fazer um poema... Estou falando neste sentido. Outro tipo de texto, tudo bem. Mas na poesia é outra coisa. Parece que ela carrega nossa alma do momento. Digo do momento, porque nós temos vários momentos. E aquele momento em que nós estamos escrevendo, a nossa alma deve estar sendo carregada. Talvez nem estejamos vivendo o momento física ou emocionalmente. Mas é o nosso momento, aquele que nós estamos passando para a escrita. Eu tenho uma certa “indiferença” com acrósticos, justamente por achar que o acróstico é uma coisa muito “técnica”, muito fria.

Vou dar um exemplo: Na década de 80, quando eu vivi os melhores momentos da poesia, depois de algum evento, saia aquele bando de poetas curtindo de bar em bar... E quando alguma pessoa pedia que fizéssemos uma poesia para ela, a nossa “válvula de escape” era o acróstico. Perguntávamos o nome da pessoa e, pimba! Tome um acróstico. Então para mim, é uma coisa sem emoção. E o que eu mais curto em escrever, é justamente a emoção de começar sem saber no que vai dar. Muitas vezes começo a escrever pensando em uma coisa, e vai dar em outra. Parece que a escrita tem vontade própria. É isso que me agrada.

Tenho visto nas comunidades de poesia, os poetas fazendo poesias em parcerias, mas eu não entro na brincadeira. Eu não consigo “entrar” na idéia de outra pessoa. Um amigo meu, o poeta Antonio Sanábria, em um dos seus livros colocou um poema para o leitor terminar. A intenção dele é editar um livro com essas parcerias. Quando eu vi essa idéia, aplaudi, gostei muito. Tentando tornar-me um parceiro (poético) do meu amigo, debrucei-me sobre poesia, tentando completá-la... Quando eu escrevia alguma coisa, ficava alegre, achando que tinha conseguido. Depois que passava o calor da euforia, ao analisar friamente, eu via que nada combinava. Apos tantas tentativas, desisti de querer completar.  O livro dele está ali, me olhando...

Para completar esta idéia, vou contar um caso que deve ilustrar bem onde eu quero chegar com essa história: O meu compadre, o poeta Luiz Nazcimentto, tem uma facilidade enorme para escrever “sob encomenda”. Tem três poemas dele que todo mundo que lê, gosta. Mas ele não suporta. Ele não os coloca em lugar nenhum, só porque os poemas são “frutos” de desafios. Desafiaram ele, ele escreveu, provou que faz, e fim. Encerrou o caso. Quando alguém questiona porque é que ele não gosta dos poemas, ele diz: Eles não nasceram de mim, eu não gosto de poemas feitos assim!

A.J. Cardiais